



DOSSIÊ

Artes, estéticas e
representações
Indígenas

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 07, Nº 02 - 2º SEMESTRE - 2023

ISSN 2448-1793



CONTRA-NARRATIVAS INDÍGENAS NAS CANÇÕES DE KAÊ GUAJAJARA

INDIGENOUS COUNTER-NARRATIVES IN THE SONGS OF KAÊ GUAJAJARA

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8377720>

Envio: 01/12/2022 ♦ Aceite: 02/06/2023

Maria Aparecida da Silva Medeiros



Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

André Luis Campanha Demarchi



Doutor em Antropologia pela UFRJ e Professor no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOMS) da UFT

RESUMO

O presente artigo busca compreender a vida e a obra de Kaê Guajajara, indígena, cantora e multiartista, através do conceito de contra-narrativas indígenas (Demarchi, 2020) presentes em suas canções. Neste sentido, apresenta-se uma breve biografia sobre a rapper Kaê Guajajara, com o intuito de compreender o contexto em que ela está inserida e ter conhecimento sobre sua trajetória de vida e da sua importante contribuição para a luta dos povos originários. É importante notar também, além disso, a sua atuação nas redes sociais, especificamente no Instagram, pois é o meio digital mais utilizado pela arte educadora para divulgar seus trabalhos, expressar o seu ativismo através de posts que denunciam as violências sofridas cotidianamente pelos povos indígenas e conscientizar os seus seguidores sobre tais questões. Por fim, foram elaboradas análises de algumas de suas canções para compreender as contra-narrativas presentes nas letras de suas músicas.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Povos indígenas; Contra-narrativas; Guajajara; Resistência.

ABSTRACT

This article seeks to understand the life and work of Kaê Guajajara, an indigenous singer and multi-artist, through the concept of indigenous counter-narratives (Demarchi, 2020) present in his songs. In this sense, a brief biography about the rapper Kaê Guajajara is presented, in order to understand the context in which she is inserted and to have knowledge about her life trajectory and her important contribution to the struggle of the native peoples. It is also important to note, in addition, their work on social networks, specifically on Instagram, as it is the digital medium most used by art educators to publicize their work, express their activism through posts that denounce the violence suffered daily by indigenous peoples. and make your followers aware of such issues. Finally, analyzes of some of her songs were elaborated to understand the counter-narratives present in the lyrics of her songs.

KEYWORDS: Music; Indigenous; Counter-narratives; Gguajajara; Resistance.

*“Essa rua essa rua ela é minha
 Eu refloresto e vou um dia retomar
 Pra todo povo todo povo dessa terra
 Que o genocídio não conseguiu acabar”*
(Kaê Guajajara)

O presente artigo busca compreender a vida e a obra de Kaê Guajajara, indígena, cantora e multiartista, através do conceito de contra-narrativas indígenas (Demarchi, 2020) presentes em suas canções. Neste sentido, apresenta-se uma breve biografia sobre a rapper Kaê Guajajara, com o intuito de compreender o contexto em que ela está inserida e ter conhecimento sobre sua trajetória de vida e da sua importante contribuição para a luta dos povos originários. É importante notar também, além disso, a sua atuação nas redes sociais, especificamente no Instagram, pois é o meio digital mais utilizado pela arte educadora para divulgar seus trabalhos, expressar o seu ativismo através de posts que denunciam as violências sofridas cotidianamente pelos povos indígenas e conscientizar os seus seguidores sobre tais questões. Por fim, foram elaboradas análises de algumas de suas canções para compreender as contra-narrativas presentes nas letras de suas músicas.

Por meio das redes sociais, principalmente do Instagram, Kaê Guajajara apresenta sua arte e expressa sua força ancestral, a resistência dos povos originários para perseverar com as suas culturas e modos de vida próprios, mesmo sendo violentados das mais diversas formas pelos colonizadores desde que o Brasil foi invadido. Tendo como consequência da colonização, o roubo de terras, a dizimação de povos indígenas, a escravização, dentre outros tipos de violências que persistem na sociedade até os dias atuais, mesmo que com novas roupagens.

A música de Kaê é formada por timbres melódicos com a mistura de batidas de rap e funk. A artista se apresenta nos palcos pintada com urucum, jenipapo e usando acessórios artesanais indígenas, exprimindo em seu corpo a sua ancestralidade e a cultura de seu povo, usando a sua imagem como forma de resistência e persistência ao

utilizar instrumentos que fazem parte da sua cultura nas suas performances artísticas. É possível observar contra-narrativas resistentes em suas músicas.

Kaê Guajajara exalta sua ancestralidade, explicita a violência que seu povo sofre e denuncia o racismo sofrido por ser indígena morando na cidade. Como veremos, suas canções são, assim, exemplos do que Demarchi – alicerçado em Didi-Huberman (2017) – denominou contra-narrativas. Segundo o autor: “As contra-narrativas são as formas como essas resistências são elaboradas esteticamente, discursivamente, imagetivamente propondo o reconhecimento de mundos, saberes, estéticas silenciadas, ignoradas, enfim oprimidas pelas narrativas dominantes” (DEMARCHI, 2020, p. 66).

Este artigo foi realizado por meio de uma pesquisa com metodologia qualitativa e bibliográfica. A coleta de dados foi feita através da audição de toda a obra da cantora e da constituição de um corpus literário através da seleção de 3 canções da cantora: “Mãos Vermelhas”, “Território Ancestral” e “Karaiw”. A escolha por essas músicas se deu por conta de questões abordadas nas letras como a miscigenação, a invasão de seus territórios e a exaltação da ancestralidade indígena de seu povo, evidenciada por Kaê. Tais canções da artista para nós são exemplos contundentes de contra-narrativas indígenas. Além disso, foram coletados dados encontrados no canal Azuruhu, no YouTube¹, e em sua página pessoal no Instagram.

Para a realização da análise de sua atuação na rede social Instagram, foi utilizada como base teórica e metodológica o conceito de netnografia (KOZINETS, 1997), sendo essencial para a realização de uma pesquisa antropológica nas mídias sociais, que tem como objetivo analisar as diversas culturas presentes na internet. Segundo Pantoja:

¹ Azuruhu é um coletivo musical encabeçado por Kaê Guajajara que tem como objetivo divulgar trabalhos artísticos de indígenas.

Tais estudos onde se tem como premissa os estudos etnográficos, mas com aprofundamento na internet, fora nomeado como Netnografia. O termo é oriundo da etnografia, (nethnography = net + ethnography) que conforme Aguirre Baztán (BAZTÁN, 1995, p. 4, tradução nossa) “estuda e descreve a cultura de uma comunidade a partir da observação participante e da análise dos dados observados”. Além disso, também é usado como método, para designar o trabalho de campo (processo) e a monografia etnográfica (produto) produzida a partir de um determinado estudo. Para o autor, a etnografia é a base empírica do conhecimento (PANTOJA, 2022, p. 24)

Várias comunidades e culturas diferentes se interligam por meio da rede social Instagram e é possível ter acesso a diferentes formas de estilos de vida, de pensamentos, de modos de agir, dentre outros, tornando-se assim relevante para a netnografia, uma vez que servirá de ferramenta para compreender as ideias, formas de comunicações e expressões que são utilizadas nessa rede social.

É importante ressaltar que o uso do conceito de contra-narrativas (DEMARCHI, 2020) contribui muito para compreender as manifestações e ativismo de Kaê Guajajara não só nas redes sociais, como também em suas músicas, uma vez que ela divulga na rede social as suas denúncias através de publicações, letras de suas músicas, livro, vídeos etc... buscando desmistificar a ideia de que os indígenas são povos atrasados que não pertencem e nem devem ser inseridos na sociedade brasileira, mostrando que existem também indígenas em todos os lugares.

Pensar em contra-narrativa, é pensar contra as narrativas hegemônicas que são impostas pela sociedade capitalista, pelas mídias, literaturas, músicas, dentre outras formas de manifestações culturais presentes na sociedade. Apoiado em Didi-Huberman (2017), Demarchi afirma que:

As contra-narrativas são as formas como essas resistências são elaboradas esteticamente, discursivamente, imagetivamente propondo o reconhecimento de mundos, saberes, estéticas silenciadas, ignoradas, enfim oprimidas pelas narrativas dominantes. Trata-se de um exercício de mapear e compreender narrativas insurgentes, no sentido de que nelas estão contidos gestos de levante (DEMARCHI, 2020, p. 66)

QUEM É KAÊ GUAJAJARA?

Kaê Guajajara é uma rapper, cantora, compositora, escritora, arte educadora, atriz e ativista indígena. Nascida em 10 de agosto de 1993, na cidade de Mirinzal, no estado do Maranhão em um território não demarcado do povo indígena Guajajara², que sofreu invasões causadas pelos madeireiros. Por conta disso, Kaê e sua família mudaram-se forçadamente para a capital do Rio de Janeiro, passando a viver no Complexo da Maré (AZURUHU, 2020).

Seu nome na certidão de nascimento é Aline de Silva Lira, porém, ela usa Kaê Guajajara como nome artístico e também por ter sido o nome dado a ela pelo seu povo. Em um trecho de sua música "Território Ancestral", Kaê relata sobre o apagamento histórico que a colonização causou aos povos indígenas, fazendo muitas vezes que alguns indígenas utilizassem dois nomes, sendo um registrado na certidão de nascimento e o outro dado pelo seu povo na aldeia: "A arma de fogo superou a minha flecha. Minha nudez se tornou escandalização. Minha língua mantida no anonimato. *Kaê* na mata, *Aline* na urbanização" (KAÊ GUAJAJARA, 2019; grifo nosso).

Assim que sua mãe mudou-se do Maranhão para o Rio de Janeiro, Kaê teve um grande choque de realidade e aos poucos foi se acostumando à vida na cidade, e a falta de oportunidades. Tentou por muito tempo esconder suas origens por medo do preconceito e ataques racistas, porém não conseguia, pois seus traços físicos eram muito fortes. Desde a sua chegada até os dias atuais, sua mãe trabalhou e ainda trabalha como faxineira e obtém seu sustento por meio dessa atividade (AZURUHU, 2020).

Outro ponto importante da trajetória de Kaê, é que ela faz parte da luta da aldeia Maracanã³, localizada na cidade de Rio de Janeiro, onde se une aos seus

² O povo Guajajara é falante de uma língua do tronco linguístico Tupi-Gurani, possui aproximadamente 28 mil habitantes segundo dados da SESAI (2014), sendo um dos povos mais populosos do Brasil. Os Guajajara estão distribuídos em mais de 10 Terras Indígenas presentes no Estado do Maranhão, na região conhecida como Amazônia Oriental.

³ É uma aldeia indígena urbana localizada no antigo prédio do Museu do Índio no bairro Maracanã, Rio de Janeiro, Brasil.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_Maracan%C3%A3>

parentes pela busca de seus ideais e direitos como indígenas vivendo em contexto urbano. Ela canta desde os 7 anos e compõe desde os 14 anos. Uma das formas usadas por ela para compor é através de sonhos, onde consegue usá-los como um espaço de escuta e aprendizado e de onde retira até mesmo as melodias de suas músicas (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico). Antes de iniciar a sua carreira solo, formou um grupo de rap chamado “Crônicos” composto por angolanos, brasileiros e indígenas. Eles denunciavam através do rap e hip hop a suas vivências no Complexo da Maré (KAÊ GUAJAJARA, 2020, meio eletrônico).

Durante um dos shows com seu antigo grupo em 2016, Kaê começou a sangrar muito e foi levada ao hospital. Chegando lá, descobriu que estava grávida e quase sofreu um aborto espontâneo. Ao longo a sua gravidez, ela sofreu muito, pois se encontrava em um relacionamento abusivo com seu ex-companheiro, que a violentava física e psicologicamente, porém, com apoio da família e amigos, Kaê conseguiu se livrar dessa relação e cuidar de sua saúde durante a gravidez que estava muito comprometida, pois ela estava com anemia muito forte, tornando assim, uma gravidez de risco (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Segundo seu depoimento em um vídeo no Instagram, Kaê sofreu violência obstétrica e foi obrigada a ter um parto cesáreo contra a sua vontade. Ela relata que esse momento foi um dos mais traumáticos de sua vida e ressalta a importância de políticas públicas voltadas para mulheres indígenas e negras gestantes, que garantam respeito ao seu tempo de parir. Quando sua filha Diana ainda era uma bebê de colo, Kaê a carregava em tipóias improvisadas por ela mesma, para onde fosse, seja para vender bolos de pote nas ruas e nos shoppings, ou para ir às manifestações em busca dos direitos dos povos indígenas (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Em uma postagem sua no Instagram, ela faz uma declaração para a filha, na qual tem um trecho que diz o seguinte:

[...] Ela é o arrepio e a dor no meu ouvido quando chora, a paz quando está nos meus braços, a emoção quando me olha. Ela é meu cuidado, a minha fé, o meu interesse pela vida e pela mente, a minha admiração pelas crianças, o meu respeito pelas pessoas, o meu amor pela natureza. É o meu ontem, o meu hoje, o meu amanhã. Ela é a vontade, a inspiração, a poesia. A lição, o dever. Ela é a presença, a

surpresa, a esperança de um mundo melhor. A minha dedicação. A minha oração. A minha gratidão. O meu amor mais puro e bonito. Diana (KAÊ GUAJAJARA, 2018, meio eletrônico).

Segundo Kaê, sua identidade de gênero é “não binária”, pois não se identifica com os gêneros designados como “homem” ou “mulher”. Ela se considera “fluida”, pois consegue perpassar pelo “feminino”, neutro e “masculino”. Dessa forma, ela afirma que não se enquadra em padrões que tendem apenas a diminuir a imensidão do que ela pode ser (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Além de rapper, Kaê também é uma arte educadora. Ela iniciou seu trabalho dando aulas antirracistas sobre os povos originários nas escolas, sendo assim, suas músicas contribuíram muito com esse trabalho, pois através delas é levado às pessoas os processos de apagamento contra os povos indígenas. Ela seguiu com esse trabalho desde 2018, quando começou a compor as músicas que abordavam mais sobre a sua existência e a de outros parentes (nome dado pelos indígenas para se referir a outro indígena) que viviam em contexto urbano, denunciando as violências sofridas por eles, das mais diversas formas, em consequência da colonização (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Seu primeiro EP⁴ foi lançado em 10 de agosto de 2019. Nomeado de *Hapohu*, o título do EP vem do *ze’egete*, língua nativa da etnia Guajajara que significa “Raiz Grande”. O álbum fala sobre ancestralidade e futurismo indígena. Em 20 de janeiro de 2020, ela lançou o seu segundo EP chamado de *Uzaw*, que significa nascer/florescer. (AZURUHU, 2020). Em um vídeo do YouTube, ela descreve que: “[...] quando você se vê impotente diante de tudo, a única solução é se fortalecer por dentro, afirmar suas raízes e seguir seu percurso na missão que é evoluir o espírito, florescer, e não ser mais vítima do que fizeram com a gente, mas sim donos da nossa história” (AZURUHU, 2020).

Em 27 de setembro de 2020, Kaê lançou seu terceiro EP chamado *Wiramiri* (AZURUHU, 2020), no qual ela questiona por meio de suas músicas o sentido da liberdade e o que é ser livre para uma pessoa indígena. Em seus EPs, Kaê fala sobre

⁴ EP são as siglas da palavra em idioma inglês “Extended Play”, que se refere a um lançamento de maior duração que uma música, porém não tão longo quanto um álbum.

ancestralidade, sobre a busca de quem se é enquanto indígena e as feridas abertas deixadas pela colonização que ainda se perpetuam. Ao mesmo tempo que suas letras mostram aos não indígenas toda a importância e a força de seu povo, ela reconecta também os indígenas às suas raízes e a união na busca pelo bem viver, onde a natureza viva deveria ser a meta de todas as cosmovisões que querem existir na terra.

Em 2021, Kaê Guajajara e seu companheiro, Kandu Puri, que também é rapper indígena originário do Rio de Janeiro que vive em contexto urbano, fundaram o coletivo musical Azuruhu, encabeçado por Kaê. O selo já conta com as músicas de Kaê Guajajara, de Kandu Puri, e dos artistas Brisa Flow, Ian Wapichana e Mirindju. O coletivo tem como objetivo criar autonomia para artistas indígenas e expandir a música indígena contemporânea. Azuruhu quer dizer “papagaio grande” que canta alto e voa em bando. Kaê diz que eles usam a arte como flechas contra as narrativas coloniais e acredita no poder da coletividade e na união dos parentes indígenas para alcançarem e ocuparem todos os espaços que lhes foram negados (AZURUHU, 2021, meio eletrônico).

O selo Azuruhu lançou em outubro de 2021 um projeto chamado “Voa Parente”, no qual consiste em elaborar oficinas e buscar indígenas que queiram entrar no meio artístico para ganharem autonomia na música e assim, se lançarem para o mercado musical que ainda invisibiliza artistas indígenas. É um projeto sem fins lucrativos que propõe uma força de vontade coletiva para que eles possam ocupar espaços e denunciar a sua existência e vivência através da arte (AZURUHU, 2021, meio eletrônico).

Kaê lançou seu primeiro álbum em 17 de setembro de 2021, chamado Kwarahy Tazyr, que significa filha do sol. O álbum, que contém 10 faixas, fala sobre o corpo indígena transitando entre a aldeia e a favela e a busca constante por autoestima. Em uma matéria para o Jornal do Rap, Kaê Guajajara diz o seguinte sobre o álbum:

Depois de ter denunciado o garimpo, o território e a igreja nos últimos EPs, vi a necessidade de falar desse corpo-território que perambula pelo Brasil sendo marcado/demarcado pela colonização. Além de enfrentar o genocídio, o etnocídio como denuncie em ‘Mãos vermelhas’, é muito difícil sobreviver sem território e sem o acolhimento necessário depois de séculos de violências. Por isso,

‘Kwarahy Tazyr’ vem num momento onde muitas identidades estão começando a ter auto estima pra falar sobre coisas que sempre estiveram aqui, que normalizamos, mas que nos matam por dentro e fora, lentamente, assim como o processo de embranquecimento da sociedade brasileira (AZURUHU, 2021, meio eletrônico).

Kaê Guajajara recebeu sua primeira indicação pelo seu álbum ao Prêmio Arcanjo (KAÊ GUAJAJARA, 2021) e foi premiada com o troféu, o qual ela agradece pelo reconhecimento de seu trabalho e diz que: “[...] esse troféu não é pra mim, é para todos os indígenas favelados que sobrevivem todo dia sem acesso a nenhuma política pública, sem acesso à água, educação, saúde. Estamos juntas! Enquanto eu viver, minha voz será para denunciar” (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Além de rapper e arte educadora, Kaê é também escritora. Ela lançou seu primeiro livro em 15 de junho de 2020, intitulado “Descomplicando com Kaê Guajajara - o que você precisa saber sobre os povos originários e como ajudar na luta anti-racista.”. Livro escrito por ela e por outros indígenas de mais de 10 etnias diferentes, para desmistificar pensamentos racistas sobre os povos originários, enfatizando a narrativa verdadeira sobre a história dos povos indígenas e buscando de forma didática ensinar sobre como de fato os acontecimentos ocorreram e que são distorcidos pela narrativa colonial (KAÊ GUAJAJARA, 2021, meio eletrônico).

Atualmente, em 2022, Kaê trabalhou na criação do álbum audiovisual de Kwarahy Tazyr, ou seja, transformou as 10 faixas presentes no seu primeiro álbum em clipes produzidos por Kandu Puri e com a realização do coletivo Azuruhu. Ela foi lançando semanalmente os clipes, os quais contém elementos semelhantes entre eles, como a natureza presente para ressaltar de onde pertence e quais são suas raízes, a favela onde foi criada e contendo também, figurinos com acessórios indígenas e pinturas corporais. A equipe organizadora é composta por profissionais indígenas que trabalham de forma independente no coletivo Azuruhu (AZURUHU, 2022, meio eletrônico). Ela também iniciou sua turnê pelo Brasil, e fez shows em estados das regiões como por exemplo, o Norte e o Nordeste, recebendo o apoio da Natura Musical que tem o projeto de expandir a música brasileira (AZURUHU, 2022, meio eletrônico).

CONTRA-NARRATIVAS NAS CANÇÕES DE KAÊ GUAJAJARA

Kaê Guajajara é uma artista que evidencia nas letras de suas músicas o contexto em que ela e os povos originários estão inseridos. Por ser uma “índigena favelada”, como a própria se autodenomina, ela coloca sempre em questão nas letras de suas músicas o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) que os povos indígenas sofrem na aldeia e na cidade. Ela denuncia as consequências da colonização que estão enraizadas na sociedade brasileira, o genocídio contra os povos originários e o apagamento de suas identidades. Kaê expõe contra-narrativas resistentes a todas as violências sofridas por ela e pelo seu povo. Exalta a sua ancestralidade nas letras de suas músicas e a importância de continuar com as suas raízes, de valorizar a terra como parte de si mesma e a natureza como sua mãe. Por meio de suas canções, a artista também expressa a sua luta anticolonial contra as consequências do que a colonização trouxe para os povos originários.

Dessa forma, as contra-narrativas, segundo Demarchi, são produções feitas por indígenas para se contrapor às narrativas dominantes, pois elas serão produzidas por grupos vulnerabilizados que não aceitam a condição que lhes é imposta, que estereotipam e dicotomizam esses grupos, como os povos indígenas, por exemplo, e essas manifestações de contraposição serão feitas por meio de palavras escritas e orais, performances, músicas, dentre outras intervenções culturais, artísticas e políticas (DEMARCHI, 2020).

Assim, podemos entender a contra-narrativa como "uma categoria, para compreender as insurgências simbólicas e pragmáticas, orais e escritas, performáticas e reflexivas, filosóficas e artísticas dos povos indígenas às formas de exploração, colonização e vulnerabilização do estado capitalista em suas mais diversas faces" (DEMARCHI, 2020, p. 66).

Para entender as contra-narrativas presentes nas canções de Kaê Guajajara, é importante ter em mente que o processo de colonização foi violenta para com os povos originários e as consequências dela são vividas intensamente até os dias atuais. Desde que os portugueses invadiram o Brasil, os povos indígenas tiveram o seu

território tomado, foram escravizados, catequizados e sofreram diversas formas de violência que se perpetuam nos dias de hoje de modo que seus territórios continuam sendo invadidos e suas identidades e culturas são invalidadas.

Segundo Ailton Krenak disseminou-se desde o processo de colonização do Brasil, múltiplas invasões numa dinâmica que ainda não teve fim, permanece o conflito e enfrentamento das várias etnias indígenas pelo território, pela defesa dos valores culturais e defesa do meio ambiente. Conforme Sônia Guajajara a luta e resistência ainda permanecem contra garimpeiros, latifundiários e madeireiros (DO PRADO, 2022, p. 811).

A rapper enfatiza nas letras de suas músicas a ancestralidade de seu povo e a importância de resistir e não esquecer da luta que seus ancestrais traçaram para que os povos originários continuassem existindo e resistindo até os dias atuais. Para compreender a ancestralidade que a artista expõe nas suas canções, faz-se necessário saber que:

Conceitos como arte, sacralidade, educação, memória e ancestralidade indígena requerem um aprofundamento e revisão de paradigmas, pautados pela especificidade epistemológica, etimológica presentes na filosofia dos povos antigos, especialmente os africanos e indígenas que diferem dos saberes hegemônicos que construíram as bases da educação jesuítica/colonialista no Brasil (PURI e DE HOLANDA CAVALCANTI, 2019, p. 81).

Na canção “Mãos Vermelhas” Kaê denuncia o genocídio contra povos indígenas, a tentativa de embranquecimento da população que é plano da colonização, o etnocídio e a invasão dos territórios indígenas. Pode-se notar na canção citada que Kaê expõe uma contra-narrativa resistente ao denunciar o plano colonial de embranquecer a população, apagando assim as identidades e culturas de povos indígenas, causando, dessa forma, o genocídio desses povos.

Você não sabe
 Ninguém viu
 Mas ficou cravado na minha memória
 Pega no laço e você sabe a história
 Legalizam o genocídio
 Chamam de pardos pra embranquecer,
 Enfraquecer e desestruturar você, pra não saber de onde veio

E conta a história da bisá da sua bisá que era índia,
 E não é branco, nem preto,
 Nem indígena, o suficiente, pelos fiscais de id,
 Ninguém é ilegal em terra roubada.
 (MÃOS VERMELHAS, KAÊ, 2020).

Nota-se que ela denuncia o fato de que a miscigenação é também fruto do estupro das mulheres indígenas pelos colonizadores, o que se percebe principalmente no verso “pega no laço e você sabe a história”. A expressão “pega no laço” que Kaê expõe em sua música, é historicamente utilizada por pessoas brancas para se referir sobre sua ascendência indígena. É muito comum ouvir pessoas brancas dizendo que tem uma ancestralidade indígena ao dizerem por exemplo que “minha bisavó era indígena e foi pega no laço”. Ao naturalizar essa expressão, naturaliza-se também uma série de violências exercidas sobre as mulheres indígenas, tais como o sequestro, o estupro, a escravidão.

As pessoas dizem que a avó foi pega no laço, essa é uma expressão comum no Brasil. É uma expressão que encerra uma violência monstruosa, sexual, com certeza, mas também outras, porque se a avó foi pega no laço, o marido da avó, o irmão da avó, eles foram mortos e eles também estão silenciados. A expressão “minha avó foi pega no laço” encerra todos esses silêncios que são a base de grande parte das famílias baianas e mineiras de hoje. Quem eram esses homens? Não se sabe (DAINESE, 2016, p. 16).

Uma parte que também precisa ser colocada em destaque nessa canção é a seguinte: “ninguém é ilegal em terra roubada”. Quando Kaê fala sobre ninguém ser ilegal em terra roubada, ela está falando sobre o direito ao território que é negado aos próprios donos da terra que são os nativos daqui: os povos originários, que precisam lutar incessantemente por um território que já lhes pertencem, mas que foi invadido e roubado pelos colonizadores. De acordo com a Constituição Federal de 1988, no § 1º do artigo 231, é estabelecida como requisito a demarcação do território indígena, que assegure a esses povos o direito às terras que são tradicionalmente ocupadas por eles (TERENA, 2018). Esse direito fundamental está presente nas contra-narrativas propostas pela cantora.

Em outra canção pode-se ouvir que:

A arma de fogo superou a minha flecha
 Minha nudez se tornou escandalização
 Minha língua mantida no anonimato
 Kaê na mata, Aline na urbanização
 Mesmo vivendo na cidade
 Nos unimos por um ideal
 Na busca pelo direito
 Território ancestral.
 (TERRITÓRIO ANCESTRAL, KAÊ, 2019)

Nessa música Kaê reflete sobre o apagamento histórico que a colonização causou aos povos indígenas, fazendo muitas vezes que muitos deles utilizassem dois nomes, sendo um registrado na certidão de nascimento e o outro dado pelo seu povo na aldeia: “A arma de fogo superou a minha flecha. Minha nudez se tornou escandalização. Minha língua mantida no anonimato. Kaê na mata, Aline na urbanização”. Ela fala que o Brasil é território ancestral, pois os seus antepassados, que eram os indígenas nativos desse país, já estavam aqui muito antes do Brasil ser denominado de Brasil. Seguindo essa fala de Kaê, podemos perceber os elementos que Puri e de Holanda Cavalcanti também falam, sobre a ancestralidade indígena necessitar de um maior aprofundamento que seja capaz de compreender os saberes e as especificidades que se diferenciam dos saberes das narrativas dominantes e hegemônicas colonialistas. Ela fala também da luta que é traçada pelos povos indígenas em busca da demarcação de seus territórios, mesmo os indígenas que vivem em contexto urbano, pois as cidades, as favelas também podem ser entendidos como territórios ocupados e habitados por indígenas.

Vamos supor que, dentro de um mundo perfeito, todas as terras indígenas fossem demarcadas. Se toda terra indígena for demarcada, onde os brancos vão morar, onde os pretos vão morar? Porque o Brasil todo é terra indígena, né? E aí eu fiquei pensando, mesmo que todas as terras fossem demarcadas, ainda assim existiria colonização, ainda assim existiria genocídio, ainda assim existiria o etnocídio fora dos territórios. [...] A gente precisa pensar pra além, com certeza, da colonização. [...] Pra pensar um novo mundo, pensar o mundo do bem viver como a gente gostaria, primeiramente a gente precisa pensar no mundo onde todas as realidades sejam possíveis. E no momento a gente não vê a realidade indígena sendo possível, e cada vez mais os nossos direitos são perdidos (KAÊ GUAJAJARA, 2022, meio eletrônico).

Tendo em vista a questão do território no que diz respeito ao direito dos povos indígenas de terem o seu território demarcado, podemos observar na canção “Território Ancestral” que a artista retrata sobre as facetas que precisam ser utilizadas também enquanto indígena no contexto urbano. Ela fala sobre a saudade que sente de si mesma, fala do apagamento histórico que a colonização causou aos povos indígenas, da ideia genérica que a sociedade tem sobre os povos indígenas, de que são “mitos”, “fantasias”, “índios” que ficaram no passado como uma tentativa de apagar as múltiplas identidades e culturas desses povos. Em um trecho da música, ela cita que “não temos nomes, somos números” retratando a dizimação dos povos indígenas e que acabam tornando-se apenas estatísticas para a sociedade capitalista por conta da violência que sofrem nas aldeias e nas cidades.

É possível notar a contra-narrativa também presente na canção “Karaiw”, onde a cantora retrata sobre ser a própria autora de sua vida e cantar para ser ouvida, para ter visibilidade, para denunciar as violências que ela sofre e a sua existência enquanto indígena.

Eu vou cantar, já que é cantando que você me escuta
 Na sua frequência vou te descolonizar
 Sou a própria autora da minha vida
 (KARAIW, KAÊ, 2020)

Nesse trecho da canção, Kaê fala sobre ser a própria protagonista da sua vida, sobre descolonizar, ou seja ir contra todo o pacto colonial que o sistema impõe à sociedade através da sua arte, da sua vida e do seu ativismo na luta pelos direitos dos povos originários. Em outro trecho da música podemos ouvir que:

Vou fazer um experimento,
 Tiro sua terra
 Te doutrino numa religião
 Te torno escravo, tiro seus direitos
 Te oprimo, te mato pelo o que você é
 E se tentar existir de novo vou te questionar se você é de verdade
 (KARAIW, KAÊ, 2020).

Na parte citada acima, a cantora usa ironicamente como exemplo o que os colonizadores fizeram com os povos indígenas, como ter os catequizado, os

escravizado e os violentado somente por habitarem em seu território e serem considerados pelos colonizadores como selvagens, sem cultura, nem religião, e fala também sobre a resistência dos povos indígenas a todas as violências sofridas que permanecem até os dias atuais lutando pelo direito a uma vida digna e são questionados pela sociedade capitalista e colonial se são mesmo indígenas, por acreditarem na ideia de que são povos que ficaram no passado e só existem na aldeia.

Tendo em vista as músicas analisadas, observamos que as três canções possuem semelhanças ao falarem de assuntos como a miscigenação, a invasão de seus territórios, a exaltação da sua ancestralidade e pode ser observada também nelas as denúncias de uma rapper indígena que vive no contexto urbano, questões abordadas por ela em uma publicação do seu perfil no Instagram:

Por muito tempo, a minha cara era a única coisa que as pessoas viam quando olhavam pra mim, não viam cultura, não viam inteligência, não viam nada, a única coisa que sabiam é que eu não deveria estar aqui, deveria estar no mato e nunca sair de “lá”. (Depois de entender o roubo das terras, percebi que o “lá” é também aqui). No decorrer da minha vida venho percebendo o quanto o racismo estrutural nos engole, a ponto de apenas verem “uma Índia”. E uma “Índia” na mente dos brasileiros, não tem emprego, não está na cidade, não canta e não recebe justamente pela sua arte, somos apenas as migalhas, o que ainda restou. Retomar o espaço, e o lugar que nos foi roubado, sair da margem, é uma tática de sobrevivência. Muitas vezes (as vezes nem tanto, rs) só nos chamam porque somos indígenas e precisam preencher alguma porcentagem de diversidade no espaço, no entanto o que vemos acontecendo depois dos nossos movimentos de auto estima e coragem de expor o que realmente somos e o que queremos, é um pouco de reconhecimento direto para a arte que nunca foi reconhecida como algo que existe no Brasil e que verdadeiramente é desse território, e não as desesperadas tentativas de Villa Lobos de tentar uma identidade musical para o Brasil. Isso aqui é Música Popular Originária (MPO), que é justamente a música com os elementos daqui que se misturam com todos os outros ritmos que nos atravessaram em nossa sobrevivência no Brasil (KAÊ GUAJAJARA, 2022, meio eletrônico).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos aqui a importância desse artigo para que possamos compreender os contextos sócio-culturais que estão presentes nas manifestações artísticas, no ativismo e na vida de Kaê Guajajara, sendo que todas essas questões não podem ser desassociadas, mas sim, são complementos que formam essa multiartista propositora de contra-narrativas indígenas potentes.

Em um primeiro momento, abordamos sua trajetória artística e de vida no sentido de contextualizar a artista e as especificidades da produção de contra-narrativas. Destacamos a multiplicidade de papéis que ela assume nessa trajetória como indígena, favelada, rapper, mãe, arte-educadora e ativista digital. Essa multiplicidade é muito importante para compreender as temáticas presentes nas canções de Kaê Guajajara.

Ao analisar as canções, percebemos como elas estão relacionadas por temáticas que se entrelaçam em diferentes músicas, como a questão da importância do território, o processo de colonização, os genocídios contra as populações indígenas, as violações vividas pelas mulheres indígenas, bem a ancestralidade na luta contra o apagamento, o silenciamento e a miscigenação. Chegamos dessa forma, à conclusão de que as questões abordadas por ela nas suas canções, nas suas redes sociais e no seu ativismo são contra-narrativas indígenas na medida em que se posicionam em oposição as narrativas dominantes nas sociedades capitalistas sobre os povos indígenas. Como afirma Kaê Guajajara, “na sua frequência vou te descolonizar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZURUHU. **Quem é Kaê Guajajara? I Curta-Metragem.** Youtube, 2 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5fVUn7-lhRM>>

AZURUHU. **Lançamento ep. UZAW - Kaê Guajajara (teaser).** Rio de Janeiro. 08 jan. 2020. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=wcrYZlhXo8k>>

AZURUHU. **Azuruhu significa papagaio grande.** Rio de Janeiro. 30 abr. 2021. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/COS2-cCHXca/>>

AZURUHU. Lançado em dezembro de 2021. Rio de Janeiro. 26 jan. 2022. Instagram: <<https://www.instagram.com/p/CZMUOeoLMH4/>>

AZURUHU. **Kwarahy Tazyr.** Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5fVUn7-lhRM>>

AZURUHU. **Matéria incrível no @jornaldorap falando um pouco sobre o álbum da Kaê.** Rio de Janeiro. 18 out. 2021. Instagram:<https://www.instagram.com/p/CVMPraCN_DG/>

AZURUHU. **Amanhã temos mais um clipe feito por essa equipe incrível que é a @azuruhu e todos os artistas envolvidos.** Rio de Janeiro, 29 jul. 2022. Instagram: <https://www.instagram.com/p/CgnCoAMpa_Z/>

AZURUHU. **A turnê Kwarahy Tazyr vai até o Norte e Nordeste com shows acessíveis.** Rio de Janeiro. 28 ago. 2022. Instagram: <<https://www.instagram.com/p/ChzXSkNOpal/>>

DEMARCHI, André. **Contra - Narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências.** In: Miranda, C. M., SOUZA, M. E., CARVALHO, C. A., LAGE, L. R. (Orgs.). Vulnerabilidades, narrativas e identidades. Belo Horizonte: eDoc, 2020.

DAINESE, Grazielle; SERAGUZA, Lauriene; OLSCHEWSKI, Luisa Elvira Belaunde. **Sobre gêneros, arte, sexualidade e a falibilidade destes e de outros conceitos: Entrevista com Luisa Elvira Belaunde Olschewski.** Revista Ñanduty, v. 4, n. 5, p. 286 a 307-286 a 307, 2016.

DO PRADO, Patrícia Martins Alves. **Ailton Krenak: Uma Narrativa Indígena do Processo de Colonização do Brasil.** REPOSITÓRIO DE ANAIS DA ANPUH-GO, p. 807/815-807/815, 2022.

KAÊ GUAJAJARA. **Território Ancestral.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2019. 4min55seg. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=szzDJahvUS8>>

KAÊ GUAJAJARA. **Mãos Vermelhas.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2020. 3min16seg. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=nZxUSD0LSao>>

KAÊ GUAJAJARA. **Quando me perguntam por quê eu canto ritmos que lembram o rap e hip hop.** Rio de Janeiro. 16 abr. 2020. Instagram:<https://www.instagram.com/p/B_DZzDcJghc/>

KAÊ GUAJAJARA. **Relato parto indígena na cidade.** Rio de Janeiro. 29 mar. 2021. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/CNBOyHvplz1/>>

KAÊ GUAJAJARA. **Ela é o nó no meu cabelo.** Rio de Janeiro. 22 dez. 2018. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/BrnBuP4FIUU/>>

KAÊ GUAJAJARA. **Hapohu.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zHay50rQV1U> >

KAÊ GUAJAJARA. **Wiramiri.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9AHqSUZj1OI> >

KAÊ GUAJAJARA. **Território Ancestral.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2019. 4min55seg. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=szzDJahvUS8>>

KAÊ GUAJAJARA. **Karaiw.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2020. 3min10seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_7Slwel-8Ho >

KAÊ GUAJAJARA. **Essa rua é minha.** Rio de Janeiro: SAKKARA: 2020. 3min26seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1E-o77Dmx80> >

KAÊ GUAJAJARA. **Ontem foi um dia muito especial.** São Paulo. 9 dez. 2021. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/CXQq8YYLnX-/>>

KAÊ GUAJAJARA. **Por muito tempo, a minha cara era a única coisa que as pessoas viam.** Rio de Janeiro. 01 fev. 2022. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/CZciDzWJmvf/>>

KAÊ GUAJAJARA. **Quando me perguntam por quê eu canto ritmos que lembram o rap e hip hop.** Rio de Janeiro. 16 abr. 2020. Instagram:<https://www.instagram.com/p/B_DZzDcJghc/>

KAÊ GUAJAJARA. **Relato parto indígena na cidade.** Rio de Janeiro. 29 mar. 2021. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/CNBOyHvplz1/>>

KAÊ GUAJAJARA. **Ela é o nó no meu cabelo.** Rio de Janeiro. 22 dez. 2018. Instagram:<<https://www.instagram.com/p/BrnBuP4FIUU/>>

TERENA, Luiz Henrique Eloy. **Poké'ixa ûti.** *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 12 - 17, 2018.

PANTOJA, Kamily Glória. **Demarcar telas e ocupar redes: mulheres indígenas e os discursos de (re) existência nas redes digitais.** Orientador: André Demarchi; 2022. Dissertação de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGcoms) Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins, 2022.

PURI, Zélia; DE HOLANDA CAVALCANTI, Adriana. **Memórias de vida, ancestralidade indígena e artes sagrada como práticas de educação.** *identidade!*, v. 24, n. 1, p. 80-96, 2019.



Carolina Maria de Jesus
Texto Poético Visual Simplesmente Maria
Óleo e assemblage memória - 0,70 x 0,50 cm